

Santo Agostinho

CONFISSÕES

Tradução de Arnaldo do Espírito Santo,
João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas

2.ª edição

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Título: Confissões
2.^a edição

Autor: Santo Agostinho

Editor: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Março de 2004

ISBN: 972-27-1327-2

Depósito legal: 208 056/04

Santo Agostinho

CONFISSÕES

Tradução e notas de Arnaldo do Espírito Santo,
João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas

Notas de âmbito filosófico
de Manuel Barbosa da Costa Freitas e José Maria Silva Rosa

2.ª edição

CENTRO DE LITERATURA E CULTURA PORTUGUESA E BRASILEIRA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

Na qualidade de director e coordenador científico do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira (CLCPB), da Universidade Católica Portuguesa, a quem se deve a iniciativa desta edição das Confissões de Santo Agostinho, cumpro-me agradecer a todos os que a tornaram possível, designadamente ao Prof. Joaquim Cerqueira Gonçalves, pela generosidade e eficácia com que coordenou todo o grupo de trabalho, aos tradutores Prof. Doutor João Beato, Prof.^a Doutora Cristina Pimentel e Prof. Doutor Arnaldo do Espírito Santo, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, na pessoa do seu ilustre presidente, Dr. António Braz Teixeira, e ainda ao Centro de Filosofia da Faculdade de Letras, da Universidade Clássica de Lisboa. Agradecimento muito especial é devido ao Dr. José Maria Silva Rosa por ter acompanhado todo o processo com inexcédível competência e dedicação.

Lisboa, 2 de Julho de 2001.

MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS

NOTAS PRÉVIAS À TRADUÇÃO

«O clássico inerte da nossa língua paganizada é incompatível com o movimento do estilo agustiniano, tão próprio das almas fervorosas! [...] Caso grave, e muito grave, traduzir as *Confissões*, um livro filosófico e místico, realista e poético, complexo e delicado, em que há frutos só doçura ou só amargura, rosas só perfume ou só espinhos, vozes e murmúrios, relâmpagos e nuvens, um espaço teológico e astronómico, onde os anjos e as estrelas ardem na mesma claridade»¹.

Traduzir as *Confissões* de Agostinho representa um esforço por atingir um objectivo quase inatingível, como se deu conta Teixeira de Pascoaes, qual é o de transpor para outra língua uma experiência que é única, numa linguagem que passa do mais frio raciocínio cerebral ao mais ardente arroubo místico de uma alma enlevada no amor de Deus. Por seu lado, a experiência literária do retor, futuro bispo de Hipona, profundamente impregnada de ritmos ciceronianos e ecos de autores clássicos, cruza-se a cada momento com o vocabulário áspero, mas cheio da pujança de uma língua antiga e renovada, como é o latim cristão, carregado de hebraísmos e helenismos semânticos, veículo de uma torrente de sentimentos sublimados em experiência religiosa.

¹ Teixeira de Pascoaes, *Santo Agostinho*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, pp. 109 e 110 (1.ª ed., 1945).

Nem sempre é fácil verter na mesma frase, em tal avalanche de experiências e emoções, o movimento do estilo agostiniano. Porque as palavras se desdobram em significados múltiplos, numa polifonia de evocações tantas vezes inapreensíveis e até mesmo intraduzíveis.

A mais pequena partícula não pode ser desprezada numa tradução que se pretenda fiel ao pensamento e às emoções de Agostinho. Sucedem-se em catadupa palavras de ligação, períodos e períodos, frases e frases, e segmentos oracionais, articulados entre si por polissíndetos encadeados que, a serem eliminados, desvirtuariam essa sensação de dúvidas e angústias acumuladas, num crescendo progressivo de trevas, até deflagram numa espécie de explosão fantástica de luz.

Para o mesmo efeito contribuem as repetições de vocábulos da mesma raiz, em figuras etimológicas sucessivas — *amiserar-se dos miseráveis* — que a cada momento desafiam a imaginação e competências do tradutor, e que não raras vezes o deixam frustrado perante a impossibilidade de tal ou tal jogo de palavras ser impossível de reproduzir em português. Não foi possível, por exemplo, dizer, com todo o efeito retórico do original, que Agostinho, por causa dos *liberi* (filhos) dos seus concidadãos, não era *liber* (livre) de se dedicar inteiramente a Deus.

Correndo, pois, muitas vezes o risco de cair em asperezas, ou de até resultar em gongorismo a tentativa de conservar estas marcas de escrita, optou-se, também neste aspecto, pela fidelidade ao estilo de Agostinho, sempre que a língua portuguesa o permitiu.

Foi propósito nosso, nunca exagerado, não ceder à tentação de amaciar as rugosidades, ou suavizar a violência das palavras atiradas como pedras contra o erro e a heresia. Espírito inflamado, Agostinho, num gesto de supremo sarcasmo, diz que os Maniqueus fazem da sua pança uma enorme oficina onde transformam os alimentos, matéria degenerada, em substância divina. Sirva-nos este exemplo para justificar o uso de certa linguagem, às vezes chocante, que se manteve na tradução. Seria fácil substituir pança por ventre, mas, de facto, a ironia com que Agostinho fala da teoria maniqueísta leva-o a escolher um termo propositadamente chocante e ofensivo.

Também não adoçamos ou tornamos falsamente piedoso o que o não é. E, no entanto, a linguagem de infância, cheia de

meiguice, para não dizer pieguice, abunda em efusões místicas, só comparáveis às declarações apaixonadas que se encontram nos poetas cantores do amor humano. Agostinho não desdenhou do vocabulário de um Catulo — *deliciae meae* (minha delícia) — ou de um Horácio — *dimidium animae meae* (metade da minha alma) —, sem recear as conotações que tal vocabulário trazia à memória do leitor. Parece, até, que com isso pretendeu operar uma transição, ou melhor, uma transposição de afectos do plano humano para o divino, dando nobreza e elevação àquele quando se subordina a este.

Mas seria um erro fatal, para tornar o texto mais compreensível, ou duvidosamente mais actual, substituir por uma forma de apreensão mais imediata um grito extático de Agostinho, com toda a sua profundidade conceptual, quando exclama: *Ó «em paz», ó «ser em si mesmo»*. O leitor estranhará, porventura, a expressão, mas seria banalizar o alcance do texto substituir fórmulas como esta, aliás bíblica, por um mais acessível «*Ó paz verdadeira, ó verdadeiro ser*».

Nestes e em outros casos, não quisemos retirar ao leitor o prazer de ir um pouco mais além da simples leitura, transformando-a num exercício de descoberta e de reflexão pessoal. Agostinho é um génio literário, maneja a língua como poucos, faz da palavra e do discurso o veículo da expressão profunda do que há de mais sublime na intimidade de Deus e na interioridade do homem, no infinitamente pequeno da natureza ou no infinitamente grandioso e magnífico do universo.

Percorrendo os palácios da memória humana ou mergulhando no tempo sem tempo antes do tempo, Agostinho analisou conceitos, criou imagens, manipulou sentidos, deu largas ao seu temperamento artístico, de que o leitor da língua portuguesa só desfrutará plenamente confrontando a tradução com o original latino. Para os que se ficarem pela tradução, asseguramos, enquanto tradutores, que fizemos um esforço por atingir o inatingível: verter Agostinho, a língua dele, em outra língua, que é a nossa, sem exegese, nem paráfrase.

O texto latino utilizado é o da edição crítica de Karl Heinz Chelius (*Augustins Werke und kritische Editionen, Augustinus-Lexikon*, 1986-1994), publicada em CD-ROM, por Cornelius Mayer (*Corpus Augustinianum Gissense a Cornelius Mayer editum*, Schwabe & Co. AG, Verlag, Basel, 1995). Para orientar a

leitura, foram acrescentados, entre parênteses, subtítulos inspirados na *Patrologia Latina* de Migne. A tradução é acompanhada por um aparato de fontes, para cuja constituição foram de suma importância as colecções de textos disponíveis em suporte informático, especificamente a *Patrologia Latina Database*, Chadwyck-Healey Inc., Alexandria, USA, o *Bibleworks for Windows*, Hermeneutika Computer Bible Research Software, Seattle, USA, e o *Packard Humanities Institute Greek and Latin Discs*. As notas de carácter cultural foram reduzidas ao estritamente indispensável a uma melhor compreensão do texto. O mesmo princípio foi adoptado quanto às notas de âmbito filosófico, que são da autoria do Prof. Manuel Barbosa da Costa Freitas e do Dr. José Maria Silva Rosa.

A estes professores, bem como ao Prof. Joaquim Cerqueira Gonçalves, agradecemos o cuidado posto na leitura desta tradução.

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

JOÃO BEATO

MARIA CRISTINA DE CASTRO-MAIA DE SOUSA PIMENTEL

INTRODUÇÃO

Desde o início que a intenção dos organizadores do Congresso Internacional comemorativo dos 1600 anos da redacção das Confissões de Santo Agostinho, que se realizou na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, em Novembro de 2000, fora promover uma dupla edição da tradução da mesma obra: uma bilingue, lançada durante o Congresso, e outra exclusivamente em português. Com a presente edição portuguesa cumpre-se este segundo desiderato.

Pode-se dizer que as Confissões são simultaneamente uma obra de psicologia, de filosofia, de teologia, de poesia e de mística, embora tudo isto se conjugue para demonstrar a intervenção de Deus através de todas as causas segundas no itinerário espiritual de Agostinho (Pierre Courcelle, Recherches sur les Confessions de saint Augustin, Paris, 1950, p. 27). Como relato autobiográfico, as Confissões constituem, a par do De Anima de Tertuliano e do Diálogo de Gregório de Nissa com a sua irmã Macrina sobre a alma e a ressurreição, uma das primeiras etapas na constituição de uma psicologia racional. Contudo, os temas que vêm sendo estudados com maior empenho são a sua origem e a data de composição e, mais particularmente, o seu valor histórico e unidade temática.

É praticamente impossível datar com absoluta precisão a redacção das Confissões. No entanto, sabe-se que estava terminada nos fins de 400. Sobre o seu valor histórico, manteve-se, durante quase um século, uma acesa discussão, que hoje se pode

considerar praticamente encerrada, decidindo-se a maioria dos autores, graças à distinção entre factos e juízos, pela veracidade histórica dos factos narrados por Agostinho (cf. P. Labriolle, «Introduction» a Les Confessions, Les Belles Lettres, Paris, 1925).

A unidade da obra ressalta claramente do título e da intenção, tantas vezes manifestada por Agostinho, de louvar a Deus pelos bens e pelos males recebidos (Retr., 2, 6). É este precisamente o sentido essencial das palavras latinas confiteri e confessio, como, por diversas vezes e em diversos lugares, Agostinho explicou (Conf., x, 1, 1; In Jo., xii, 13; In Ps., 94, 4, 1052; Sermo, 67, 1, 2, e II, 4). Confessio vem a ser, no entendimento do nosso autor, a confissão dos pecados, que estabelece o pecador na sua verdade e o dispõe ao perdão de Deus. Deste modo, confessar os pecados é identicamente louvar Deus, que é sem pecado e, por isso, pode perdoar, devolvendo o pecador à sua primeira condição de inocência (cf. J. Ratzinger, «Originalität und Ueberlieferung in Augustins Begriff der Confessio», em Revue des Études Augustiniennes, 3, 1957, pp. 375-392). «Dupla é a confissão, diz Agostinho, a do pecado e a do louvor» (In Ps., 29, 19); «há a confissão do homem que louva e a confissão do homem que geme» (In Ps., 94, 4). Portanto, como justamente observa Le Blond, confissão significa, ao mesmo tempo, declaração dos pecados e louvor da misericórdia e das grandezas de Deus (Les conversions de saint Augustin, Paris, 1950, pp. 6-11).

Ora, as Confissões são isto mesmo: a proclamação da presença constante de Deus na vida de Agostinho, o que Deus fez por ele em toques discretos, tantas vezes sem ele mesmo disso se aperceber (Conf., vii, xv). A isto chama Agostinho fazer a verdade diante de Deus, seu único e verdadeiro interlocutor nesse longo e misterioso diálogo, que, à primeira vista, mais parece um monólogo interior de si consigo mesmo, antes que um olhar mais atento aí descubra o mestre interior, a verdade substancial que paira por toda a parte, disponível para todos, respondendo a todos os que a consultam (Conf., x, ii, 2; xxvi, 37). As Confissões representam, deste modo, o esforço de Agostinho para se situar na verdade de Deus (Conf., x, i, 1). Precisamente, a melhor maneira de fazer esta verdade é a confissão, renunciar à própria justificação e reconhecer a graça de

ÍNDICE GERAL

Notas prévias à tradução.....	IX
Introdução de MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS.....	XIII

CONFISSÕES

LIVRO I	3
[Agostinho manifesta a intenção de louvar a Deus]	5
[Deus está no homem e o homem em Deus]	6
[Deus está em toda a parte e nada o contém]	7
[Majestade e atributos de Deus]	7
[Amor de Deus e perdão dos pecados]	8
[Infância de Agostinho: providência e eternidade de Deus]	9
[Sujeição da infância ao pecado]	12
[Como a criança aprende a falar]	14
[Aversão ao estudo e amor da brincadeira: medo dos castigos]	15
[O divertimento é um obstáculo ao estudo]	16
[Adiamento do baptismo]	17
[A imposição do estudo e o desígnio de Deus]	18
[Temas e matérias preferidos]	19
[Aversão à língua grega]	21
[Súplica a Deus]	22
[Condenação do modo como se ensina a juventude]	23
[Reprovação do ensino literário ministrado aos jovens]	24
[Observância da gramática e desprezo dos preceitos divinos]	25

[Persistência dos vícios da infância na idade adulta].....	26
[Agradecimento pelos bens recebidos na infância]	27
LIVRO II	29
[Recordação dos vícios da adolescência]	31
[O desatino dos dezasseis anos].....	31
[A devassidão da adolescência. Expectativas dos pais].....	33
[O roubo das peras]	36
[Ninguém peca sem motivo]	37
[Só em Deus está o verdadeiro bem]	38
[Acção de graças pelo perdão dos pecados]	40
[O prazer do convívio na prática do mal]	41
[O contágio das más companhias]	42
[Todo o bem está em Deus]	42
LIVRO III	45
[Amar e ser amado].....	47
[Paixão pelo teatro]	48
[Envolvimento e rejeição dos arruaceiros]	50
[A leitura do <i>Hortênsio</i> de Cícero e o interesse pela filosofia]	51
[A Bíblia e os autores profanos]	53
[Adesão ao maniqueísmo]	53
[Os absurdos da doutrina maniqueísta].....	56
[O que é detestável no maniqueísmo].....	59
[Distinção entre os pecados: juízo de Deus e juízo dos homens]	61
[Teorias ridículas dos Maniqueus sobre os frutos da terra]	61
[As lágrimas e o sonho de Mónica]	62
[Resposta de um bispo sobre a futura conversão de Agostinho]	64
LIVRO IV	65
[Quando e como seduzia os outros].....	67
[Ensina retórica, arranja uma concubina e recusa sacrifícios para obter uma vitória]	68
[Conselho de um velho médico para que abandone a astrologia]	69
[Doença, baptismo e morte de um amigo].....	71
[As lágrimas: consolação dos infelizes]	73
[Quanta dor na morte do amigo!].....	74
[Incapaz de suportar a dor, parte para Cartago]	75
[A dor suavizada pelo tempo e pelo convívio com os amigos]	76

[A amizade humana. Amar em Deus]	77
[Efemeridade das criaturas]	78
[A instabilidade das criaturas. Só Deus é estável]	79
[O amor das criaturas em Deus]	80
[Porque se ama?]	82
[O tratado <i>Da Beleza e do apto</i> dedicado a Hiério]	82
[As imagens corpóreas: obstáculo à compreensão da transcendência]	84
[Categorias aristotélicas e as artes liberais]	86
LIVRO V	91
[Convite ao louvor de Deus]	93
[Os iníquos não conseguem evitar a presença de Deus: devem converter-se a ele]	94
[O maniqueu Fausto e os filósofos que não conhecem o Criador por meio das criaturas]	95
[Desejo profundo do conhecimento de Deus]	97
[A ignorância dos Maniqueus torna duvidosa toda a sua doutrina]....	98
[A eloquência de Fausto e o seu desconhecimento das artes liberais]....	100
[Abandono progressivo do maniqueísmo]	101
[Partida para Roma contra a vontade da mãe]	103
[À beira da morte por causa de uma febre]	105
[Erros antes de aderir à doutrina do Evangelho]	107
[Aproximação do catolicismo]	110
[Comportamento fraudulento dos estudantes de Roma para com os seus mestres]	111
[Professor de retórica em Milão; junto de Ambrósio]	111
[Abandono dos erros por influência de Ambrósio]	113
LIVRO VI	115
[Nem católico nem maniqueu].....	117
[Oferendas nos túmulos dos mártires]	118
[Ocupações de Ambrósio]	120
[As Escrituras interpretadas pela Igreja]	122
[Autoridade e utilidade das Sagradas Escrituras].....	123
[Um mendigo feliz]	125
[Alípio e os jogos circenses]	127
[Alípio e os espectáculos de gladiadores]	129
[Alípio é preso como ladrão].....	130
[Honestidade de Alípio; chegada de Nebrídio]	132
[Ansiedade e hesitações de Agostinho]	133
[Discussão sobre o matrimónio e o celibato]	136

[Planeia-se o casamento de Agostinho]	137
[Projecto de vida comunitária entre amigos]	138
[Uma mulher sucede a outra]	139
[Temor da morte e do júízo divino].....	139
LIVRO VII	141
[Deus concebido como um ser corpóreo e difuso no universo].....	143
[Evocação dos argumentos de Nebrídio contra os Maniqueus]	145
[O livre arbítrio, causa do pecado]	146
[Deus tem de ser incorruptível]	147
[De novo a origem do mal e as suas raízes]	148
[Rejeição das previsões dos astrólogos]	150
[Atormentado pela dúvida sobre a origem do mal].....	153
[O socorro da misericórdia divina]	154
[O neoplatonismo e as Escrituras: concepções sobre a divindade e a encarnação do Verbo]	155
[Progressão no entendimento das coisas divinas].....	158
[De como as criaturas são e não são]	159
[Tudo o que é, é bom]	160
[Toda a criação é um louvor a Deus]	160
[Não há coisas más na criação]	161
[Verdade e falsidade nas criaturas]	162
[O bom e o apto].....	162
[Obstáculos ao conhecimento das coisas divinas]	163
[Só Cristo é o caminho da salvação]	164
[Erro e verdade sobre o Verbo incarnado]	165
[A procura da verdade nos livros dos Neoplatónicos]	166
[O que há nas Escrituras e não nos livros dos Neoplatónicos].....	168
LIVRO VIII	171
[Levado pelo desejo de mudar de vida, decide procurar Simpliciano] ...	173
[A conversão do retor Mário Vitorino]	175
[Maior é a alegria pela conversão dos pecadores do que pela dos justos]	178
[Motivos de contentamento pela conversão das pessoas ilustres]	180
[Entraves que retardam a conversão]	182
[Ponticiano fala da vida de Santo Antão e da conversão de uns ami- gos]	184
[Inquietação gerada pelas palavras de Ponticiano]	187
[No jardim: angústia e perturbação]	189
[De como o espírito resiste a si mesmo].....	191

[Refutação da doutrina dos Maniqueus sobre as duas naturezas].....	191
[O combate entre a carne e o espírito]	194
[A conversão de Agostinho]	196
LIVRO IX	199
[Agostinho louva a bondade de Deus e reconhece a sua miséria]	201
[Adiamento da decisão de abandonar a profissão de retor]	202
[Na quinta de Verecundo: repouso e reflexão]	204
[Produção literária em Cassiciaco; a cura repentina de uma dor de dentes]	206
[Consulta a Ambrósio sobre as leituras a fazer antes do baptismo]	211
[Baptismo de Agostinho, Alípio e Adeodato, em Milão]	212
[Introdução do canto na Igreja de Milão e o achamento dos corpos dos mártires Protásio e Gervásio]	213
[Um novo companheiro: Evódio. Evocação dos primeiros anos de Mónica]	215
[O casamento de Mónica; sua personalidade e suas virtudes]	218
[A visão de Óstia: diálogo com a mãe sobre o Reino dos Céus]	220
[A morte de Mónica]	223
[Exéquias de Mónica]	224
[Oração pela alma dos pais]	227
LIVRO X	231
[Esperança e alegria só em Deus]	233
[Se Deus conhece as coisas ocultas, porquê confessá-las?]	233
[Com que fruto confessa Agostinho quem é, não quem foi?]	234
[Grandes são os frutos deste género de confissão]	236
[O homem não se conhece inteiramente]	237
[A procura de Deus nas suas criaturas]	238
[Não é possível encontrar Deus com o poder dos sentidos]	241
[O poder da memória]	241
[A memória das artes liberais]	244
[Os conteúdos das artes liberais não entram na memória pelos sentidos]	245
[O que é aprender?]	246
[A memória das matemáticas]	246
[A memória da memória]	247
[A memória dos afectos]	247
[A memória do que está ausente]	249
[A memória do esquecimento]	250
[O poder da memória é grande, mas insuficiente para chegar a Deus]	251

[Só se reconhece o que se encontra na memória]	252
[O que é recordar-se?]	253
[Para desejar a felicidade, é preciso conhecê-la]	254
[Como a memória contém a felicidade]	255
[A felicidade: qual e onde?]	257
[Deus tem um lugar na memória]	259
[Em que lugar da memória se encontra Deus?]	259
[Onde se encontra Deus?]	260
[Como é que a beleza de Deus atrai o homem?]	260
[As misérias desta vida]	261
[Em Deus reside toda a esperança]	261
[Agostinho confessa como enfrenta as tentações da carne]	262
[As tentações da gula]	263
[A sedução dos perfumes]	267
[Os prazeres do ouvido]	268
[Os prazeres do olhar]	269
[Segundo gênero de tentação: a curiosidade]	272
[Terceiro gênero de tentação: a soberba]	274
[A vanglória]	276
[A vanglória é uma ameaça para a virtude]	279
[Força e natureza do amor próprio]	279
[A procura de Deus dentro e fora de si mesmo]	280
[A tríplice concupiscência]	281
[Os falsos mediadores]	281
[Cristo, verdadeiro mediador]	282
LIVRO XI	285
[Porque confessamos a Deus, se Ele tudo sabe?]	287
[Agostinho pede a Deus a compreensão das Escrituras]	288
[O que Moisés escreveu sobre a criação do céu e da terra não se pode entender se Deus o não conceder]	291
[A criatura clama por Deus, seu criador]	291
[O mundo criado do nada]	292
[Como é que Deus disse: faça-se o mundo?]	293
[O Verbo de Deus é co-eterno com Deus]	294
[O Verbo de Deus é o princípio que nos ensina toda a verdade]	294
[Como o Verbo de Deus fala ao coração]	295
[Os que contra-argumentam: que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?]	296
[Resposta: a eternidade de Deus não conhece tempo]	297
[Que fez Deus antes da criação do mundo?]	297
[Antes dos tempos criados por Deus, não havia tempo]	298
[As três espécies de tempo: passado, presente, futuro]	299

[A medição do tempo em que]	300
[Que tempo se pode medir e qual não?].....	302
[Donde procede o passado e o futuro?]	302
[Como é que o passado e o futuro estão presentes?].....	303
[Como é que Deus revela coisas futuras?]	304
[Como designar as três espécies de tempo?].....	305
[Como é legítimo medir o tempo?]	305
[Só Deus pode resolver este enigma]	306
[O que é o tempo?]	307
[O tempo é aquilo com que medimos o movimento]	309
[Nova interpelação a Deus]	310
[Como se mede o tempo?]	310
[Como medimos o tempo que permanece no espírito?].....	311
[Com o espírito medimos os tempos]	314
[Disperso nas coisas temporais, Agostinho deseja ser reconstituído em Deus]	315
[Refutação dos que perguntam: que fez Deus antes da criação do mundo?]	316
[O conhecimento de Deus e o conhecimento da criatura]	316
LIVRO XII	319
[É difícil a procura da verdade]	321
[Dois céus e duas terras].....	321
[Porquê as trevas sobre a face do abismo?].....	322
[Porquê a terra invisível e informe?]	322
[Porque se chama matéria informe?]	323
[Teoria dos Maniqueus sobre a matéria].....	323
[Interpretação alegórica da criação do céu e da terra].....	324
[A matéria informe vem do nada: dela procedem todas as coisas vi- síveis]	325
[Porque é que, sem menção dos dias, está escrito que, no princípio, Deus fez o céu e a terra?].....	326
[Desejo ardente de ser ensinado por Deus].....	327
[Os ensinamentos de Deus]	327
[Duas criaturas fora do tempo].....	329
[Porque é que, sem referir os dias, diz a Escritura que, no princípio, Deus fez o céu e a terra?].....	330
[A profundidade da Sagrada Escritura].....	331
[Pensamento de Agostinho sobre Deus, os anjos e a matéria informe]	331
[Agostinho não quer nada com aqueles que se opõem à verdade di- vina]	335
[Como com as designações «céu» e «terra» se podem entender coisas diferentes]	336

[Interpretações diversas da Sagrada Escritura]	337
[O que é claramente verdadeiro?].....	338
[Interpretações de: <i>No princípio criou...</i>]	339
[Interpretações de: <i>A terra era invisível...</i>].....	340
[Não repugna que Deus tenha criado uma coisa que não é mencionada no <i>Gênesis</i>]	341
[Dois pontos de vista discordantes na interpretação das Escrituras]	343
[Ninguém deve ousar afirmar qual é o pensamento de Moisés].....	343
[Contra aqueles que contestam outra forma de interpretar]	344
[Que linguagem convém às Escrituras?].....	346
[Às Escrituras convém uma linguagem humilde e simples]	347
[Como é que a Sagrada Escritura é entendida sob várias formas?]	348
[De quantas maneiras se diz que uma coisa é anterior]	350
[Que os comentadores da Sagrada Escritura harmonizem as suas opiniões, levados pela caridade e pelo zelo da verdade]	351
[Deve-se julgar que Moisés pensou tudo o que de verdadeiro pode encontrar-se nas suas palavras]	352
[Os verdadeiros sentidos da Sagrada Escritura são revelados pelo Espírito Santo]	353
LIVRO XIII	355
[Invocação e reconhecimento da bondade de Deus]	357
[As criaturas existem e aperfeiçoam-se pela bondade de Deus].....	358
[Todas as coisas provêm da graça de Deus]	359
[Deus não necessita das coisas criadas]	360
[O mistério da Trindade está implícito nas primeiras palavras do <i>Gênesis</i>]	360
[O espírito de Deus movia-se sobre as águas].....	361
[A acção do Espírito Santo].....	362
[Tudo o que é inferior a Deus é insuficiente para a felicidade]	362
[Porque é que só o Espírito Santo se movia sobre as águas?].....	363
[Todos os bens são dom de Deus]	364
[Símbolos da Trindade no homem]	365
[A criação do mundo prefigura a formação da Igreja].....	366
[A renovação do homem é imperfeita enquanto vive].....	367
[Somos fortalecidos pela fé e pela esperança].....	368
[Faça-se o firmamento: o que são as águas superiores].....	370
[Só Deus sabe como é plenamente].....	371
[Reúnam-se as águas: o que é o mar, a terra seca...]	371
[Façam-se luminares]	373
[Que as águas produzam, umas, répteis, outras, aves]	377
[Que a terra produza um ser vivo]	379
[Façamos o homem à nossa imagem]	382

[Poder do homem sobre a criação]	383
[Crescei e multiplicai-vos]	385
[Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente]	388
[O prazer e o proveito que resulta do bem feito ao próximo]	389
[Que significa «peixes» e «monstros marinhos»?]	391
[E Deus viu as suas obras e achou-as muito boas]	392
[Interpretação do número de vezes que Deus viu que as suas obras eram boas]	392
[Os desvarios dos Maniqueus]	393
[É em Deus que o homem vê que tudo é bom]	394
[Súmula das obras de Deus]	395
[Todas as coisas foram feitas do nada]	396
[Exposição alegórica da criação do mundo]	396
[Desejo de paz]	398
[Porque é que o sétimo dia não tem entardecer?]	398
[O repouso de Deus em nós]	398
[Como Deus e como o homem vêem a criação]	399
Índice remissivo	403

ESTUDOS GERAIS

Série Universitária

*

Clássicos de Filosofia

Platão

ÊUTIFRON, APOLOGIA DE SÓCRATES, CRÍTON

Tradução, introdução e notas de José Trindade Santos

(4.^a ed., 1993)

Platão

EUTIDEMO

Tradução, introdução e notas

de Adriana Manuela de Mendonça Freire Nogueira

Aristóteles

POÉTICA

Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices

de Eudoro de Sousa

Aristóteles

RETÓRICA

Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior

Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior,

Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena

Santo Agostinho

CONFISSÕES

Tradução de Arnaldo do Espírito Santo,

João Beato e Maria Cristina de Castro-Maria de Sousa Pimentel

Introdução de Manuel Barbosa da Costa Freitas

(edição em português/latim e em português)

(2.^a ed., 2004)

Santo Agostinho

DIÁLOGO SOBRE A ORDEM

Tradução, introdução e notas de Paula Oliveira e Silva

Santo Agostinho

DIÁLOGO SOBRE O LIVRE ARBÍTRIO

Tradução e introdução de Paula Oliveira e Silva

Thomas Hobbes
A NATUREZA HUMANA
Tradução, introdução e notas de João Aloísio Lopes
(Esgotado)

Thomas Hobbes
LEVIATÃ
Prefácio de João Paulo Monteiro
Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva
(3.^a ed., 2002)

Baruch de Espinosa
TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO
Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio
(Esgotado)

George Berkeley
TRATADO DO CONHECIMENTO HUMANO
Tradução e prefácio de Vieira de Almeida
TRÊS DIÁLOGOS
Tradução, prefácio e notas de António Sérgio

Leibniz
PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA OU MONADOLOGIA
Tradução, introdução e notas de Luís Martins
(Esgotado)

David Hume
ENSAIOS MORAIS, POLÍTICOS E LITERÁRIOS
Tradução de João Paulo Monteiro, Sara Albieri e Pedro Galvão
Introdução e revisão técnica de João Paulo Monteiro

David Hume
TRATADOS FILOSÓFICOS
I — INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENTENDIMENTO HUMANO
Tradução e introdução de João Paulo Monteiro

Immanuel Kant
DISSERTAÇÃO DE 1770
seguida de CARTA A MARCUS HERZ
Tradução, apresentação e notas respectivamente
de Leonel Ribeiro dos Santos e António Marques
(Esgotado)

Immanuel Kant
CRÍTICA DA FACULDADE DO JUÍZO
Introdução de António Marques
Tradução e notas de António Marques e Valério Rohden

Goethe
A METAMORFOSE DAS PLANTAS
Tradução, introdução, notas e apêndices de Maria Filomena Molder

Friedrich Schiller
SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO SER HUMANO
NUMA SÉRIE DE CARTAS
*Tradução, introdução, comentários e glossário
de Teresa Rodrigues Cadete*

Friedrich Schiller
TEXTOS SOBRE O BELO, O SUBLIME E O TRÁGICO
*Tradução, introdução, comentários e glossário
de Teresa Rodrigues Cadete*

Friedrich Schiller
SOBRE POESIA INGÉNUA E SENTIMENTAL
*Tradução, introdução, comentário e glossário
de Teresa Rodrigues Cadete*

F. W. J. Schelling
IDEIAS PARA UMA FILOSOFIA DA NATUREZA
PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E ADITAMENTO À INTRODUÇÃO
Tradução, introdução, notas e apêndices de Carlos Morujão

G. W. F. Hegel
PREFÁCIOS
Tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira

G. W. F. Hegel
DIFERENÇA ENTRE OS SISTEMAS
FILOSÓFICOS DE FICHTE E DE SCHELLING
Tradução, introdução e notas de Carlos Morujão

Gottlob Frege
OS FUNDAMENTOS DA ARITMÉTICA
Tradução, introdução e notas de António Zilhão

Charles S. Pierce
ANTOLOGIA FILOSÓFICA
Prefácio, selecção, tradução e notas de António Machuco Rosa

William James
O PRAGMATISMO
UM NOME NOVO PARA ALGUMAS FORMAS ANTIGAS DE PENSAR
*Tradução de Fernando Silva Martinho
Prefácio de Manuel Maria Carrilho*

Edmund Husserl
LIÇÕES PARA UMA FENOMENOLOGIA
DA CONSCIÊNCIA INTERNA DO TEMPO
Tradução, introdução e notas de Pedro M. S. Alves

Acabou de imprimir-se
em Março de dois mil e quatro.

Edição n.º 1009911

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br